



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

HEMENEUTICA BÍBLICA ICÔNICA
Uma Mensagem para Contexto da Diversidade

EDILEUSA DE CASTRO MACHADO

BELÉM – PARÁ
2014



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA CURSO DE BACHARELADO EM
TEOLOGIA**

HEMENEUTICA BÍBLICA ICÔNICA
Uma Mensagem para Contexto da Diversidade

EDILEUSA DE CASTRO MACHADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência final para a obtenção do grau de
Bacharel em Teologia à Faculdade Teológica
Batista Equatorial: **A BÍBLIA EM POESIA –
Uma Hermenêutica Voltada para o
Contexto da Diversidade.** Orientado pelo
Prof. Ms. Elcio Sant'Anna.

BELÉM – PARÁ
2014

NOMINATA

COORDENADOR DA FATEBE

Seminário Teológico Equatorial

Diretor Geral Dr.

D. B. Riker, Ph. D.

A FATEBE

Diretor Geral Dr.

D. B. Riker, Ph. D.

Diretor Acadêmico

Prof. Ms. José Carlos de Lima Costa

Diretor Administrativo – Financeiro

Prof. Ms. Ronaldo Fermiano Souza

Coordenador de Pesquisa e Pós – Graduação / Coordenador de TCC

Prof. Ms. Elcio Sant'Anna

Coordenador Acadêmico de Teologia

Prof. Ms. José Carlos de Lima Costa

Secretária e Gestora Acadêmica

Prof. Sheila Carneiro

Professor Orientador

Prof. Ms. Elcio Sant'Anna

Composição do Texto

Edileusa de Castro Machado

FICHA CARTOGRÁFICA

MACHADO, Edileusa de Castro

HEMENEUTICA BÍBLICA ICÔNICA: Uma Mensagem para Contexto da Diversidade. Belém, 2014, 55p.

TCC (Aproveitamento do Curso de Teologia) – Faculdade Teológica Batista Equatorial, Curso de Bacharel em Teologia.

Orientação de: Ms. Elcio Sant'Anna

I. Iconicidade

HEMENEUTICA BÍBLICA ICÔNICA
Uma Mensagem para Contexto da Diversidade

Apresentação de Trabalhos Científicos

EDILEUSA DE CASTRO MACHADO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentando como
Requisito final obtenção de grau em Bacharel em
Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista
Equatorial.

Banca Examinadora

1. _____ Prof. Ms. Elcio Sant'Anna - Orientador
2. _____
Prof. Ms. Antônio Carlos Soares - Avaliador
3. _____
Prof. Ms. José Carlos de Lima Costa - Avaliador

Aprovado em ____/ ____/ ____

Conceito: _____

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiro, que colocou no meu coração esse chamado para um ministério específico.

Aos meus familiares que, embora longe, estão torcendo por mim.

E aos meus professores que de perto ou mesmo de longe contribuem com seu tempo e sua dedicação.

Em especial ao professor Elcio Sant'Anna, por sua sabedoria e paciência durante esse processo de construção desse trabalho.

A Fatebe ou STBE, que me proporcionaram ao longo desses anos todo o preparo ministerial acadêmico para a minha formação ministerial.

Aos meus amigos e colegas que me ajudaram em oração.

“Deficiente é aquele que não consegue modificar sua vida aceitando os impossíveis de outras pessoas ou da sociedade, em que vive, sem ter consciência que é dono do seu destino”

(Mário Quintana)

RESUMO

Toda trajetória dos icônicos culminou na emancipação da Língua de Sinais, como a intermediadora de uma concepção perceptiva da fala, que não é oralizada e sim realizada num espaço neutro na frente do interlocutor. Todavia, a visão clínico-terapêutica imobilizou a capacidade perceptiva dos icônicos de perceber o mundo através dos sentidos. Icônicos são pessoas que percebem o mundo com os olhos (ouvidos cognitivos) e se expressam através das mãos. As escolas chamadas inclusivas ao invés de trabalharem o conteúdo disciplinar, tentaram exaustivamente ouvintizá-los, isto é, obriga-los a falar oralmente, com o intuito de integra-los na sociedade, porque, sem a fala não poderiam viver condignamente. Visto que sem ela, não poderiam casar, receber herança, cursar uma faculdade, e tudo se tornaria difícil, uma vez que uma peça não funcionasse, neste caso, o ouvido. Desta forma, não conformados com essa hegemonia ouvintista, os icônicos partem para a luta criando associações. Desse modo, surge um novo olhar na perspectiva de uma nova identidade cultural. O icônico passa a ser percebido por uma nova concepção sociocultural, então a nomenclatura de Surdo-mudo passa para Surdo, isto é, aquele que não ouve, mas fala fluentemente através de uma língua de natureza gestual. O congresso de Milão em 1880 deliberou em assembleia unânime, que a língua oral seria a língua da comunidade icônica proibindo qualquer forma de educação, que não fosse através da língua oral. Influenciado pela concepção homem máquina, desenvolvida por Descart, que leva a uma mentalidade de que o homem é uma máquina elaborada por um artesão (Deus) e que é programada pra funcionar perfeitamente, decidiram Banir completamente a Língua de Sinais das salas de aula, isto levou a um retrocesso na educação e formação cognitiva do icônico. Muitos evadiram das salas de aula enquanto, outros, por insistência da família ficaram na tentativa de aprender. Hoje, vários tem uma formação deficiente em consequência dessa resolução. Nesse cenário estarrecedor, surgem os personagens reabilitadores, que eram os fonoaudiólogos geralmente os professores e médicos reabilitadores, e as disciplinas letivas ficavam em segundo plano.

Palavras-chave: Icônicos, Não – icônicos, Língua de Sinais, Hermenêutica, Identidade cultural

ABSTRACT

The entire trajectory of iconic culminated in the emancipation of sign language. As the mediator of a perceptive design speaks. What is oral language but not held in a neutral space in front of the speaker. However, the clinical and therapeutic vision immobilized the perceptive abilities of the iconic perceiving the world through the senses. Call inclusive schools instead of working the disciplinary content; tried exhaustively **ouvintizá-lo**, this is compels them to speak orally, in order to integrate them into society, because without speech could not live decently. Outside, could not marry, receive inheritance, attend college, and everything would be difficult since a number did not work, in case the ear here. Thus, not conformed to this hegemony **ouvintista**, the iconic depart for creating associations struggle. Thus, there is a new look from the perspective of a new cultural identity. The iconic is perceived by a new **sociocultural** conception, then the nomenclature of Deaf and dumb Deaf passes, this is one who does not hear, but speaks fluently through a sign language nature. The Congress of Milan in 1880 ruled in a unanimous assembly that oral language would be the language of iconic community prohibiting any form of education that was not in the oral language. Banishing thus completely sign language classrooms, this led to a setback in the education and training of cognitive iconic. Many escaped up the classroom while others, at the insistence of the family were trying to learn. Today, many have a poor training as a consequence of this resolution. The iconic perceive the world through the eyes (ears cognitive) and are expressed through the hands. This conception man machine, developed by Discard leads to a mindset that man is drawn by a craftsman (God) and is scheduled to run perfectly machine. In this appalling scenario arise rehabilitators characters, who were the teachers and speech therapists usually rehabilitation physicians, and Term disciplines were in the background. The clinical model is only concerned with the diagnosis and rehabilitation.

Keywords: Iconic, not-iconic, Language, Hermeneutics, Cultural Identity.

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	1-9
I. INTRODUÇÃO	12
II. VISÃO GERAL SINTETIZADA DA HISTÓRIA DOS ICÔNICOS	13
2.1. Visão	13
2.2. Congresso de Milão	14
2.3. Personalidades Reabilitadoras	16
2.4. Associações surgem no decorrer desse processo	17
2.5. Idade Média	18
2.6. Idade Moderna	18
2.7. Idade contemporânea	19
2.8. No Brasil	19
III. A LEGISLAÇÃO VIGENTE	22
3.1. Lei de Libras	22
3.2. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005	25
3.3. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005	25
3.4. A especificidade linguística da língua de sinais	26
3.4.1 Configuração das mãos (cm)	29
3.4.2. Movimento(m)	29
3.4.3. Ponto de articulação (pa)	30
3.4.4. Orientação das mãos (Or)	30
3.4.5. Expressões não-manuais(enm)	31
3.4.6. Datilologia da língua de sinais (alfabeto manual)	31
IV. LIBRAS E TRADUÇÃO DA MENSAGEM BÍBLICA	33
4.1. A diversidade de gêneros literários na bíblia	33
4.1.1 Gênero jurídico	33
4.1.2. Gênero narrativo	33
4.1.3. Gênero literário da poesia	33
4.1.4. Gênero literário profético	34
4.1.5. Gênero literário apocalíptico	34
4.1.6. Gênero literário ou sapiencial	34
4.1.7. Gênero literário dos evangelhos	34

4.2. Libras e a tradução da mensagem do Novo Testamento	34
4.2.1. Gênero literário epistolar	34
4.2.2. Gêneros literários narrativos	35
4.2.3. Gênero literário genealogias	35
4.2.4. Gênero apocalíptico aparece em vários do Antigo Testamento e também, no Apocalipse	35
4.2.5. Gêneros literários de hinos e cânticos	35
4.2.6. Gêneros de sentenças do antigo testamento encaixadas no texto	35
4.4. Tradução da mensagem de Colossenses	35
4.4.1. Pano de fundo histórico de Colossenses	36
4.4.2. A teologia de Colossenses	40
4.4.2.1. Indicação da perícopre	40
4.4.2.2. Indicação da forma literária	41
4.4.2.3. Apresentação do lugar social	42
4.4.2.4. História do texto	42
4.4.2.5. Estudo lexográfico na perícopre de Col. 2.20-23 e 3.1-4	44-48
4.4.3. Proposta de mensagem de Colossenses 2.20-23; 3.1-4	51
4.4.4. GLOSSÁRIO	51
V. CONCLUSÃO	53
BIBLIOGRAFIA	55

I. INTRODUÇÃO

O texto Bíblico deve trazer uma abordagem diversificada que contem nele subsídios dando autonomia interpretativa a este público específico, respeitando suas peculiaridades cognitivas, afetiva, social e acadêmica.

O texto bíblico que se tem hoje, escrito traz probabilidade intrínseca de dependência interpretativa e não possibilita uma aproximação segura de interação entre o leitor por estar distante de sua compreensão cognitiva e intelectual, favorecendo erros de cunho teológico que compromete sua autonomia interpretativa dificultando sua maturidade conceitual em relação ao conhecimento bíblico. O Objetivo geral proposto é: trazer uma abordagem bíblica para o contexto da diversidade linguística, que usa a Língua de Sinais como língua materna de recepção e cognição.

Enquanto que o objetivo específico é trabalhar com a diversidade de gêneros textuais literários; neste caso, apenas o gênero do texto escolhido. E efetivamente, trazê-los para o contexto teológico da Língua de Sinais.

Mostrando assim, o pano de fundo histórico, cultural e teológico desses textos situando o leitor no panorama bíblico geral. E também, criar um glossário de termos bíblicos teológico.

Deve-se então, destacar em uma exegese textual os vários idiomas nos quais a Bíblia perpassa para chegar no idioma do receptor.

Mostrando assim, a estrutura linguística e histórica da Língua de Sinais e a trajetória percorrida até a sua legitimação como o segundo idioma oficial do país.

II. VISÃO GERAL SINTETIZADA DA HISTÓRIA DOS ICÔNICOS¹.

2.1 Visão

Uma história cercada de dor e sofrimento decorrente da visão distorcida que a sociedade tem em relação a essa minoria. Essa minoria apresenta-se com uma nova identidade cultural e linguística. Hoje uma nova história é recontada agora sob o aspecto de identidade sócio cultural.

“de vista Ponto cultura surda é descrito, como diferença linguística e identidade cultural, a qual é partilhada entre indivíduos surdos o defct é o paradigma da cultura no qual se constrói a estrutura e forma da cultura surda , cujo principal elemento espelhador é a Língua de Sinais o idioma natural deles, portanto sem o defcit não há cultura surda”²

¹ www.fatecc.br

Essa cultura vem aparecer após a legitimação da Língua de Sinais em 22 de dezembro de 2002 quando um novo olhar surge na perspectiva da inclusão dessa minoria visando objetivar sua cidadania e sua emancipação na história.

*...os sujeitos surdos eram rejeitados pela sociedade e posteriormente eram isolados nos asilos para que pudessem ser protegido, pois não se acreditava que pudesse ter uma educação em função da sua „anormalidade“, ou seja, aquela conduta marcada pela intolerância obscura na visão negativa sobre os surdos via-nos como „anormais“ ou „doentes“.*³

Um novo olhar surge agora numa nova perspectiva inclusiva e emancipatória e não mais em uma perspectiva de incapacidade cognitiva e social. Assim, aquele estigma de doença ou incapacidade dar lugar para uma cidadania igualitária.

2

3

2.2. Congresso de Milão

No ano de 1880 aos 6-11 de Setembro foi realizado o Congresso em Milão na Itália, onde ocorreu um retrocesso na formação e educação da pessoa icônica.

Segundo, a Wikipédia, enciclopédia livre.

O Congresso de Milão foi uma conferência internacional de educadores de surdos. O congresso declarou que a educação oralista era superior à língua gestual e aprovou uma resolução proibindo o uso da língua gestual nas escolas. Os Estados Unidos e os países europeus a partir daí utilizaram o método oral e baniram a língua gestual das escolas. Inicia-se assim, uma trajetória de isolamento por parte dos icônicos onde muitos evadiram-se das escolas por não se ajustar ao método oral puro.

O pano de fundo dessa mudança radical por parte dos defensores do oralismo no Congresso de Milão está na fala do educador e pesquisador Vilmar Silva quando enfatiza sobre todo o processo ideológico que motivou essa façanha.

Para Skiliar (1997:50), as razões dessa posição estavam vinculadas as questões, políticas, filosóficas e religiosas. Além das questões levantadas por Skiliar, o posicionamento do Congresso pode ser analisado pelo paradigma homem-máquina da ciência moderna.

A ciência moderna que se evidenciou no século XVII explica que todos os fenômenos naturais podem ser explicado a partir da matéria em movimento e que o universo é uma máquina, cujo funcionamento é mecânico e que trabalha igual as engrenagens de um relógio.

O objetivo da ciência, nesse paradigma é descobrir as leis que determinam o movimento dos fenômenos. Analisando, os filósofos modernos chegaram à conclusão de que o universo é uma máquina complexa cujos elementos vitais são a matéria e a energia.

Conforme Japiassu (1991:91-111), é no início do século XVII que se afirma o novo campo epistemológico da teoria física. As leis de Kepler já definem, em termos matemáticos, um primeiro núcleo de inteligibilidade rigorosa, muito embora ele permaneça prisioneiro dos esquemas mentais astrológicos.

O grande nome é o de Galileu. É ele quem escreve a nova linguagem matemática num universo cada vez mais liberto de preocupações míticas.

O universo não é mais povoado de anjos nem de demônios. Galileu ousa olhar para os céus sem a lente da fé. A preocupação fundamental dele consiste em decifrar o universo. Todas as suas conclusões fazem com que os astros a sua divindade e, conseqüentemente o esquema reinante do universo tende a desaparecer.

O espaço mítico do céu torna-se um espaço físico, no qual as revoluções siderais se transformam num sistema mecânico, cujos movimentos podem ser calculados. Também é demonstrada a unidade da mecânica celeste e terrestre, ou seja, os mesmos princípios e as mesmas leis fazem autoridade tanto no céu quanto na terra.

A estática e a dinâmica explicam tanto o repouso quanto o movimento. O mundo, despojado de seus atributos sobrenaturais converte-se no objeto de uma ciência rigorosa o conjunto dessas aquisições define o novo modelo nova compreensão do mundo correspondendo à interpretação mecanicista da realidade.

Assim, o aparecimento do mecanicismo consagra o nascimento da nova ciência. A concepção do universo e da natureza se elabora graças a pesquisas experimentais

Um dos grandes méritos dos mecanicistas do século XVII foi ter afirmado que a matéria é perfeitamente inerte e desprovida de toda e qualquer propriedade misteriosa ou de forças ocultas.

Tais fenômenos ocultos passam a ser explicados por razões mecânicas. Para Descartes, citado por Japiassu (1991:99-100), o corpo perde os seus mistérios e pode ser explicado cientificamente:

O mundo composto de matéria como à maneira de uma máquina. Nosso corpo também deve se concebido como uma máquina. O verdadeiro uso da máquina é que podemos ver nela, cada peça que compõe, mas sobretudo seu próprio funcionamento, com o modelo da máquina o inteligível se torna invisível.

O mecanicismo cartesiano permite explicar o que é conhecido por aquilo que não pode ser conhecido, nos órgãos corporais. Como em uma máquina a finalidade é instituída por aquele que concebeu e sentida por aquele que dela se serve. Os órgãos corporais são, pois, comparáveis às engrenagens de uma máquina que não possui neles nenhuma disposição natural pra se unir uns aos outros.

A comparação do corpo com uma máquina, notadamente como um relógio, não insinua que a natureza do corpo seja de uma máquina, mas que o corpo não possui uma natureza, isto é, um conjunto de propriedades específicas e inerentes a ele.

Portanto, não é a alma que anima o corpo que Deus constituiu. Donde sua posição dos animais-máquinas: os animais e os corpos dos homens são como máquinas, porque não pensam nem agem como autônomos.

Descarte considerava os corpos dos homens como máquinas, tão mecânicos quanto os fenômenos de natureza.

A matriz epistemológica homem-máquina com seu funcionamento perfeito transforma os não icônicos em enfermos tornando-se objeto de pesquisa da medicina que a partir da nova base epistemológica o associa a uma anomalia orgânica e passível de cura, a concepção terapêutica de invalidez vai se aproximando ao longo do discurso epistemológico do corpo perfeito que foi criado para funcionar sem prejuízo, isto é, Deus nos criou para funcionar com uma máquina aprimorada pelo artesão que é Ele.

E tudo isso desencadeia uma dependência das habilidades médicas para curar e consertar aquilo que falta no corpo, no caso aqui o sentido da audição vindo a refletir em toda a ótica educacional, política, social e religiosa como veremos na sequência vários profissionais da área principalmente médica e educacional tentando reabilitá-los na expectativa de conduzi-los a uma vida „normal“ que ora são incapazes de exercer a força de trabalho na sua íntegra.

2.3. Personalidades Reabilitadoras

Johann k. Amman (1669-1724) seu método particular foi colocar as pessoas icônicas em frente ao espelho a fim de articularem mecanicamente as palavras pela leitura labial com base nos ideais da ciência mecanicista que acreditava na cura da audição.

O que Sánchez nomeia de pedagogia corretiva. Então, dentro desse contexto epistemológico de homem-máquina não são mais as mãos das pessoas icônicas que geram a solução para o problema do déficit e sim as mãos dos médicos artesãos que se propõem a fazê-los falar empregando seus diversos métodos durante um século de história gerando mudanças profundas principalmente dentro das escolas as quais se transformaram em clínicas de reabilitação da fala e em estratégias pedagógicas não interdisciplinares, mas terapêuticas.

Após o congresso os professores icônicos foram demitidos das escolas ficando apenas os não icônicos as atividades de sala de aula que eram feitas em grupos, passaram a ser feitas individualmente e de forma terapêutica culminando num retrocesso e perdas para essa minoria específica.

2.4. Associações surgem no decorrer desse processo.

As associações continuaram e se expandiram até chegar também ao Brasil, mantendo essa cultura. O sonho deles de serem educados em sua língua materna arrefeceu principalmente para aqueles filhos de famílias icônicas e que não conheciam a língua gestual. Principais comunidades icônicas;

- associações de icônicos;
- federação nacional de educação de icônicos (FENEIS);
- confederação brasileira de desporto dos icônicos (CBDS);
- federações estaduais esportivas de icônicos;
- associações de pais e amigos de icônicos (APAE);

- associações de intérprete de LIBRAS;
- pastorais de icônicos;
- ministério Keiraihaguiai;
- grupos de jovens de igrejas, etc.

2.5. Idade Média

Segundo Aristóteles a linguagem valoriza o indivíduo e a ausência da fala não permite o desenvolvimento do pensamento.

Na China, a pessoa icônica era lançada ao mar. Os Gauleses sacrificava-os ao seu deus Teutates, por ocasião da festa do Agário. Em Esparta, eram jogados do alto dos rochedos.

Em Atenas eram rejeitados e abandonados em praças públicas ou em campos. Para os Romanos, pessoas icônicas filhos de pais ricos não tinham o direito legal, isto é, não podiam fazer testamentos e dependiam de um administrador para seus negócios, pois eram considerados impossibilitados para a prática jurídica e desenvolvimento intelectual e moral.

Esse paradigma se modificou entre os anos 482-483a.C. através do código

Justiniano que inicia a distinção dos graus de déficit auditivo, entretanto a Igreja Católica, até a Idade Média, acreditava que as almas dos icônicos não podiam ser consideradas mortais, porque eles não podiam falar os sacramentos

2.6. Idade Moderna

No século XIV Bartolo Della Marca mencionou pela primeira vez possibilidade de educar através da Língua de Sinais. No século XVI na Espanha surgiram os primeiros educadores de pessoas icônicas e a primeira referência à distinção entre déficit auditivo e mutismo.

(Rodolfo, 1528). O médico italiano Girolamo Cardano (1521-1576), assegura que as pessoas icônicas deveriam receber educação e então interessouse pelo estudo do ouvido, nariz e cérebro após o nascimento de seu primeiro filho com déficit auditivo, considerado o primeiro professor na história dos icônicos e cujo trabalho serviu de base para outros educadores como Ponce de Leon (1520-1514).

Monge beneditino espanhol educador de filhos de nobres para que estes tivessem direitos a títulos e heranças entre os alunos estavam alguns ascendentes de Luis de Velasco cuja família expos algumas técnicas de trabalho utilizadas por Ponce de Leon inclusive o alfabeto manual o qual Bonet aprimorou.

2.7. Idade contemporânea

Em 1789, morre Abade Charles Michel de L'Épée. Fundou 21 escolas para surdos na França e Europa.
Em 1812 Jean Marc Itard

Inicia-se a partir dos meados de 1834 uma luta de resistência por parte dos movimentos dos surdos com primeiro banquete comemorando seu nascimento das pessoas de fala icônica.

“Quero o convidá-lo a registrar o ano de 1834 como uma das grandes da história (184) começa. Para mim é a data de nascimento da nação surda. É o ano em que pela primeira vez os surdos-mudos se autorgam uma espécie de governo. Isto nunca havia acontecido.”²

A visão da surdez hoje ultrapassa a perspectiva clínico terapêutica para uma visão socioantropológica após a legitimação da Língua de Sinais através da lei 10.436/02. Surge a perspectiva inclusiva de identidade surda, onde a proposta é afirmar o conceito e ter uma modalidade diversificada e portanto a proposta é elaborar uma tradução específica para este contexto.

2.8. No Brasil

No século XIX Dom Pedro II, fundou o primeiro Instituto de Surdos-Mudos no Brasil depois do nascimento de sua neta a filha da Princesa Isabel que nasceu surda.

L’Epee fundador da primeira escola de icônicos em Paris. Em 1855, o imperador do Brasil Dom Pedro II solicitou a França a vinda do Professor Mestre Hernest Huet, que tinha surdez congênita o qual fundou em 1857 no Rio de Janeiro o Instituto de Educação de Surdos – INES e trouxe o “método combinado” o currículo apresentava Língua Portuguesa, aritmética, linguagem articulada e leitura sobre os lábios entre outras.

Em 1862, Huet é substituído por Dr. Manuel de Magalhães Couto (1862-1868) não deu continuidade a seu trabalho, por isso, o instituto passou a ser apenas um asilo de surdos em 1868, nesse mesmo ano foi nomeado Dr. Tobias Leite(1868-1896) como diretor do instituto que restabeleceu o método de Huet.

Ana Rimole Faria Dória assume a diretoria do INES influenciada pelo Congresso de Milão adotou a filosofia oralista e implantou o primeiro Curso Normal de Formação de Professores para Surdos

A primeira turma formou-se em 1954 com 52 alunas de oito estados brasileiros que disseminaram o método oral no país. (SOARES,1999,p.90). Em 1870, a professora de surdo Ivete Vasconcelos, após visitar a universidade Galaudet nos Estados Unidos volta ao Brasil trazendo o método da “Comunicação Total”. A linguista Lucinda Brito começa a interessar-se pelo estudo das línguas de sinais conferindo-lhes o nome de Língua de Sinais de Centros Urbano(LSCB). Em 1994. Após discutir com a comunidade surda Brito começa a usar a abreviação LIBRAS.

Conforme Veloso e Filho, um ex – aluno do INES de nome Faustino José da

Gama, 18 anos, publicou o primeiro dicionário de LIBRAS com o nome „Iconografia dos Sinais dos Surdos“.

² Mottez,p.7

Após o congresso de Milão a filosofia não icônica mudou todo o rumo da educação conduzidos por especialistas defensores do oralismo puro essa política segundo Wrigley(1996, p.21) continuou dentro do modelo clínico com táticas de atitudes reparadoras e corretivas da fala e também da audição.

A história mostra que antes do congresso já existiam uma gama de pessoas não icônicas bem sucedidas como escritores, artistas, professores, líderes, militares e outros bem sucedidos antes da resolução que culminou na saída da língua gestual.

A concepção clínica fortaleceu a criação de movimentos políticos sociais históricos e linguístico não icônico produziram nos icônicos uma relação gerida por opressão colonialismo e oralismo forçado os quais se tornaram subjugados, colonizados e não iconizados. A hegemonia não icônica imposta pelo método oralista de formação gerou neles a força organizadora política, social e histórica conforme Gohn(2011, p. 834)

Através dos movimentos produzidos pelos icônicos e também o não conformismo com o modelo ouvintista. A Língua de Sinais que passa a ser reconhecida e legitimada. É a legitimação da Língua de Sinais que proporciona a eles voz e vez. Hoje, a Língua de Sinais é oficialmente o idioma das comunidades icônicas.

III. A LEGISLAÇÃO VIGENTE

3.1 Lei de Libras

A Língua de Sinais é a língua das comunidades icônicas e forma o elo de ligação entre o mundo ouvinte e o surdo. Possui um canal receptor, que são só olhos, o corpo e os sentidos.

A Língua de Sinais é o instrumento cultural, afirmativo para o icônico e está voltada para suas funções visuais que lhe permite desenvolver-se plenamente, pois, respeita as suas diferenças e sua singularidade.

A partir da legitimação da lei de LIBRAS 10.436/02 a Língua de Sinais passa a ser a expressão do pensamento do surdo, pois é através da linguagem que significamos o mundo e consequentemente nos significamos (Zilda Gesueli). De acordo com a concepção socioantropológica a surdez é incompreendida como experiência visual (Skiliar, 1999).

A Lei de LIBRAS nº10.436, 24 de Abril de 2002, sancionada pelo presidente da república Fernando Henrique Cardoso discorre em seus artigos sobre os seguintes aspectos constitucionais em vigor.³

“Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua de Sinais – LIBRAS e outros recursos a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS a forma de expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual- motora com estrutura própria, constituem fatos, oriundos de comunidades de pessoas icônicas do Brasil.

O artigo primeiro reconhece que os surdos comunicam-se usualmente através desse canal visual-motor, portanto dando-lhes o devido direito de se expressarem sem discriminação social e cognitiva, assim conferindo-lhes outras possibilidades, como leitura labial e mímicas. Nesse artigo, a Língua Brasileira de Sinais passa a ter status legal de língua com toda a sua especificidade linguística e natureza visual – motor objetivando assim favorecer a comunidade icônica.

³ Lei de LIBRAS nº10.436, 24 de Abril de 2002

O parágrafo único confere a Língua de Sinais o status de língua que apresenta-se com seu sistema linguístico morfológico-sintático e pragmático oriundos de uma comunidade cultural que tem uma singularidade peculiar.

O parágrafo define a Língua Brasileira de Sinais como língua de estrutura e gramática própria e um sistema visual capaz de transmitir a imagem do pensamento da pessoa icônica.

Art. 2º Deve ser garantido, o direito por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.⁶

As empresas públicas em geral devem apoiar e difundir de forma institucionalizada, isto é, cumprir com as normas conferidas no decreto 5.626/05⁷ oferecendo professores capacitados na língua de sinais ou intérpretes de libras e subsídios que aproximem o icônico do mundo que o cerca e favoreça sua cidadania e formação, a Língua brasileira de Sinais – LIBRAS por ser o meio de comunicação direta e corrente no meio social das comunidades surdas do Brasil.

Art. assistência. 3º as instituições públicas e concessionárias de serviço público de a saúde devem garantir atendimento e tratamento aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Esse artigo ressalta que os poderes ligados a prestação de serviço público tem a obrigação de qualificar seu pessoal, a fim de, promover a interação comunicativa e um tratamento qualificado para essa demanda específica.

6

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs conforme a legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

O artigo quarto discorre sobre a inclusão da Libras na formação do magistério e do curso de Fonoaudiólogo no currículo como disciplina obrigatória. Conforme descreve o decreto 5626/0...⁴ A Língua Brasileira de Sinais deve ser incluída nos cursos de nível superior tanto da educação como da saúde conforme os parâmetros curriculares que subsidiam a educação nacional.

O parágrafo único embora não explique detalhadamente o motivo da não substituição da Língua Brasileira de Sinais pela Língua Portuguesa escrita, mas subtende que o icônico adentre a esta modalidade através da sua própria língua, isto é, a Língua de Sinais torna acessível a sua apreensão do Português escrito. Por meio dela ele apreende os conceitos sua segunda língua.

Art. 5º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília 24 de Abril de 2002, 181º a independência e 114º da republica.

A Língua de Sinais entra em vigor e o decreto 5.626/05 estipula o prazo máximo para o cumprimento das diretrizes básica para implementação das seguintes exigências:

A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir Libras como disciplina curricular, nos seguintes prazos e percentuais mínimos:

12. As instituições de educação superior, principalmente as que ofertam cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, devem viabilizar cursos de pósgraduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 10º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 20...

Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:

Art. 20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade

⁴ Assim discorre o decreto: "Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 21. A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos. 02, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Portanto, o prazo de estipulado é no mínimo um ano e máximo dez anos começando da data do artigo quinto da lei de LIBRAS até a data do decreto lei 5.626/05 em vigor.

Cabe às instituições públicas e privadas desenvolver políticas de viabilização desse processo inclusivo ora vigente.

3.2. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

O movimento multicultural abrangeu minorias dos mais variados tipos, que reclamam o direito de uma cultura própria.

Essas minorias englobam minorias étnicas e estenderam – se as minorias com necessidades especiais, se negavam a ser consideradas como cidadãos de segunda classe.

Foi nesse ambiente que os surdos encontraram um caminho para que sua língua fosse “ouvida”. No século XIX os surdos reivindicaram os seus direitos e a sua língua já foi reconhecida.

Entre esses direito estrava a utilização da sua língua na educação dos surdos que fossem reconhecidos não como deficientes, mas como diferentes e que sua cultura fosse respeitada.

Assim, dentro da comunidade ouvinte, eles construíram uma comunidade própria, com a sua língua, a sua cultura e tentaram estabelecer-se como grupo minoritário que pudesse ser aceito numa visão multicultural.

3.3 Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de Abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o art. 18 da Lei 10.098, de 19 de Dezembro de 2000. O P residente da República, no uso de suas atribuições lhe confere no art. 84, inciso IV da Constituição decreta:

Art. 1º Este decreto regulamenta a Lei 10.436, de 24 de Abril de 2002, e o art. 18 da Lei 10.098, de 19 de Dezembro de 2000.

Art. 2º Para fins deste decreto, considera-se pessoa surda àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo através e experiências visuais manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva as perdas bilaterais, parciais ou totais de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1000Hz, 2000Hz e 3000Hz.

É esse decreto que confere à lei de libras as disposições legais para o seu cumprimento, discriminando e argumentando em como se desenvolve de forma sistemática todo o processo executivo em torno dela.

O artigo primeiro objetiva regulamentar a lei de Libras conforme vemos descrito através do artigo 18 da lei 10.098/02:

Art. 18 - O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braille, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação. Regulamento.

A introdução do decreto acima no artigo primeiro, faz menção a essa responsabilidade de efetivar fatidicamente esse direito legal ao deficiente especificamente auditivo.

O decreto viabiliza o cumprimento da lei dentro de um prazo legal a partir deste decreto no prazo mínimo de dez anos.

Artigo primeiro, segundo e o paragrafo único se ocupa apenas em conceituar a que público específico o decreto aponta e delinear a trajetória conferida a essa comunidade minoritária culturalmente falando.

3.4- A especificidade linguística da língua de sinais.

O linguista William Stokoe escocês. Em 1955, atuou como professor e chefe do departamento de Inglês do Gallaudet College, atual Gallaudet University nos Estados Unidos uma universidade para surdos ele aprofundou seu estudos nas línguas espaço - visual inglesa e francesa da qual decorre a LIBRAS, descobrindo seus níveis linguísticos estruturais morfológico, sintático, semântico e pragmático.

A Língua de Sinais são, portanto, considerada pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo mas como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a Língua dos Sinais atendia a todos os critérios linguístico de

*uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.*⁵

Tanto quanto as demais línguas humanas a Língua de Sinais é composta de níveis linguísticos e apresenta sua fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

A Língua de Sinais é o idioma natural dos surdos idioma natural, porque ela resulta de um paradigma de inerência, idiossincrático, que é a surdez. A Língua de Sinais é uma criação natural dos surdos independente do lugar onde estejam radicados por outro lado existe o conceito errático de que a Língua de Sinais é a língua materna de qualquer surdo.⁶

*A linguagem [...] é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens tem para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas semelhantes à língua. A linguagem é heterogênea e multifacetada: ela tem aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, e pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social. Para Saussure, é impossível descobrir a unidade da linguagem. Por isso, ela não pode ser estudada como uma categoria única de fatos humanos. A língua é diferente. Ela é uma parte bem definida e essencial da faculdade da linguagem. Ela é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessária estabelecidas e adotadas por um grupo social para o exercício da faculdade linguagem. A língua é uma unidade por si só. Para Saussure. Ela é a norma para todas as demais manifestações da linguagem. Ela é um princípio de classificação com base no qual é possível estabelecer uma certa ordem na faculdade da linguagem.*⁷

As Línguas de Sinais são línguas naturais porque como línguas surgiram espontaneamente da interação entre pessoas devido à sua estrutura que permite a expressão de qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal e metafórico concreto, abstrato – em fim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.⁸ Há uma diferença nos conceitos língua e linguagem. Língua é um conjunto do vocabulário de um idioma de estrutura gramatical própria e com seus elementos linguísticos

Linguagem é a capacidade que o homem possui para se comunicar expressando sentimentos, pensamento.

⁵ QUADROS E CARNOPP, 2004, p.30

⁶ WIKIPÉDIA VELOSO, Éden; Maia Filho, Valdeci. Aprenda Libras com eficiência e rapidez. Curitiba. Mãos Sinais. 2009. P.16-1

⁷ SAUSSURE, 1916

⁸ BRITO, 1997 p. 19

As pessoas frequentemente usam a palavra linguagem em uma variedade de sentidos: linguagem musical, linguagem corporal, linguagem das abelhas entre outras possibilidades.⁹

A LIBRAS possui uma estrutura própria, é formada pelos parâmetros constitutivos simultaneamente.¹⁰

3.4.1 Configuração das mãos (cm):

A forma que as mãos assumem na formação do léxico. Tanto, na ALS (American Sign Language) como na LIBRAS há similaridades e diferenças. Lembrando que elas não são universais, embora a LIBRAS seja de origem francesa, mas culturalmente se distingue das demais línguas de sinais.



3.4.2. Movimento(m):

Este parâmetro é mais complexo por envolver varias formas e direções, movimentos internos das mãos, dos pulsos, no espaço ou conjunto de movimentos no mesmo sinal. Na figura 1, a seguir veremos a palavra Libras com movimento circular.



3.4.3. Ponto de articulação (pa)

Lugar onde os sinais são articulados, no próprio corpo geralmente em regiões da cintura para cima como por exemplo, cabeça a cintura e os ombros ou em um espaço neutro central em frente ao corpo.(QUADROS,2004). Na figura 2, a seguir veremos a palavra perdão articulada no queixo.

⁹ QUADROS E KARNOPP, 2004, p.2

¹⁰ BRITO, 1995



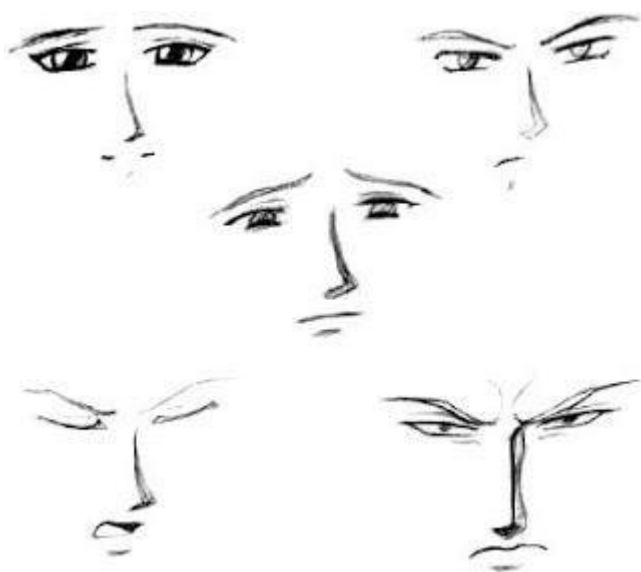
3.4.4. Orientação das mãos (Or):

É a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. (Ferreira Brito, 1995, p.41) e Marentele (1995, p.204), na LIBRAS e na ASL enumeram seis tipos de orientação da palma da mão: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda. Na figura 3, a seguir veremos a palavra girafa a orientação da mão ocorre no sentido vertical simulando o alongamento do pescoço da girafa.



3.4.5. Expressões não-manuais(enm) :

As expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) fazem a marcação de construções sintáticas e diferenciação dos itens lexicais na frase. Na figura 4, temos as expressões faciais que enfatizam diversos contexto em sintaxe.



3.4.6. Datilologia da Língua de sinais (alfabeto manual)

A datilologia é a escrita manual da Língua de Sinais um empréstimo da língua oral para designar ou soletrar como de costume palavras oralizadas ou escritas que não possuem correspondente na Libras.

Quando não existe um sinal para determinado conceito, a datilologia é utilizada para soletrar palavras da língua oral. Nesse caso, diz-se que essas soletrações são empréstimos da língua portuguesa.

O alfabeto manual é a mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral (Rosa, 2005, p.40). Aqui não se trata de tradução, pois é um recurso para expressar nomes de pessoa, lugares. Na figura 5, temos o alfabeto manual e a palavra bom dia em datilologia.



IV. LIBRAS E TRADUÇÃO DA MENSAGEM BÍBLICA

4.1. A diversidade de gêneros literários na bíblia

Há diversos gêneros literários encontrados na bíblia dentre eles destacam-se:

4.1.1 Gênero Jurídico –

Pentateuco - que são os cinco primeiros livros bíblicos apresentam esse gênero, pois, apresentam em seu texto dois tipos de leis:

APOTÍDICAS – são os mandamentos que iniciam com um não. Ex.: Os Dez Mandamentos (Êxodo 20. 3-17).

CAUÍSTICA – são leis em situações específicas (Lv 20.9-18, 20, 21; Dt 15. 17).

4.1.2. Gênero narrativo –

EPOPÉIA (Poesia lírica, épica ou Heróica) – acontecimentos históricos narrados em versos que podem ser fictícios ou reais, todavia, tem o intuito de passar conceitos morais, heroicos, míticos, lendários e históricos uma cultura. A poesia épica conta os feitos de homens como Abrão. Gideão, Davi, etc. Esse gênero não apresenta apenas conquistas, mas derrotas, tragédias, misérias, fama (Saul, Sansão e Salomão) reis que tiveram êxito e fracasso.

ROMANCE – esse gênero aparece em Cântico e Rute. Mostra o desfecho amoroso dentro dos desígnios de Deus em Rute. Enquanto, em Cânticos uma sequência de rituais que desencadeia em uma relação amorosamente erótica dentro dos padrões divinos no casamento.

4.1.3. Gênero literário da poesia –

Esse gênero aparece nos seguintes livros: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cânticos, Pentateuco, livros proféticos. O livro de Provérbios se destaca pelo paralelismo.

4.1.4. Gênero literário profético –

Profecia (dom de prever o futuro). Esse gênero tem como finalidade apresentar a verdade ao povo como advertência manifestando assim, a vontade de Deus; por meio de sermões, sinais, exortações e conselhos. Ezequiel, Joel, Daniel, Isaías, Jeremias, Zacarias, Ageu, Habacuque, Sofonias, Naum, Obadias, Malaquias.

4.1.5. Gênero literário apocalíptico –

Apresenta um número significativo de símbolos, imagens, visões e revelações. Foi escrito por causa, da perseguição aos cristãos. Apocalipse e Daniel.

4.1.6. Gênero literário ou sapiencial –

Apresenta a sabedoria dos simples na vida cotidiana (Provérbios), a sabedoria na crise existencial (Jó), e a sabedoria em confronto com a sabedoria divina (Eclesiastes 12.8).

4.1.7. Gênero literário dos evangelhos –

Apresenta biografias, parábolas, narrativas dos milagres, cânticos, provérbios, cânticos, setenças do Antigo Testamento, genealogias, histórias da infância de Jesus. Etc.

4.2. Libras e a tradução da mensagem do Novo Testamento

4.2.1. Gênero literário epistolar –

As cartas paulinas, as cartas joaninas e as cartas de Pedro. Na época dos discípulos era o meio utilizado entre o império romano era uma prática popular.

4.2.2 Gêneros literários narrativos –

Narra as atividades dos apóstolos Pedro e Paulo na igreja primitiva.

4.2.3. Gênero literário genealogias –

Apresenta um registro cronológico sobre a origem de Jesus (Mt 1) que corroboram com os escritos proféticos.

4.2.4. Gênero apocalíptico aparece em vários do Antigo Testamento e também, no Apocalipse.

Esse gênero caracteristicamente apresenta símbolos, visões, imagens e revelações, com a finalidade de alicerçar a igreja devido as perseguições e ocultar verdades à reis que representavam ameaças, como por exemplo: imperadores romanos Nero e Domiciano.

4.2.5. Gêneros literários de hinos e cânticos – alguns hinos e cânticos entraram nas cartas paulinas (Ex.: Filipenses 2.6-11.)

4.2.6. Gêneros de sentenças do antigo testamento encaixadas no texto - muito usado no Novo Testamento para explicar ou elucidar o texto descrito, existe uma grande variedade de citações do Antigo Testamento.

4.4. Tradução da mensagem de Colossenses

Nos deteremos apenas nos gêneros que aparecerem na carta de Paulo aos Colossenses em consequência do tempo proposto para esta pesquisa e também devido ao nível de complexidade relacionado ao tema da pesquisa. Relevância da iconicidade hermenêutica da Bíblia.

4.4.1 Pano de fundo histórico de colossenses

Tem-se aqui um gênero literário, a carta aos Colossenses. Este gênero traz em seu copo uma advertência contra os falsos ensinamentos para aqueles que ora adentraram a fé.

Porém, dentro do corpo desta carta em forma de epístola aparece outro gênero inserido como um argumento enfático que o apóstolo lança mão para enriquecer sua tese.

Aparece também um hino conhecido pelos cristãos gentios da igreja de Colossos. Logo em seguida veremos o panorama histórico cultural da carta de Paulo aos Colossenses:

Colossos era uma pequena cidade Menor, distante 200 km de Éfeso, e próxima de Hierápolis e Laodiceia (4,13.16). Paulo não a visitou pessoalmente (2,1). As comunidades cristãs de Colossos, Hierápolis e Laodiceia foram fundadas por Epafras, discípulo de Paulo (1,7; 4,13), enquanto este se encontrava em Éfeso (Act 19). Os cristãos de Colossos eram provenientes do paganismo (1,21.27) e costumavam reunir da Ásia - se nas casas de família, como na de Ninfas (4,15) e na de Arquipo (4,17; Fm 2). A carta aos Colossenses foi escrita na prisão, provavelmente em Éfeso, entre os anos 55 e 57 (Act 19), talvez na mesma ocasião em que foi escrita a carta aos Filipenses. Epafras informou Paulo sobre a situação dos cristãos em Colossos (1,8). Os cristãos estavam em Colossos uma cidade importante situada na região do Meandro no sul da Frígia ao oeste da Turquia atual. Seu principal meio de sobrevivência era a indústria têxtil na época aproximadamente 60 dC, antes de ocorrer o domínio romano e o terremoto que devastou pelo menos três cidades importantes, Colossos,

Hierápoles e Laodicéia. O nome Colossos advém de „Colossinus“ (uma cor específica com a qual era tingida a lã tosquiada. Quando Paulo escreveu a igreja de Colossos sua realidade era de uma cidade mais parecida como um vilarejo na qual residiam colonos indígenas, frígios, gregos e refugiados judeus vindos da Mesopotâmia e Babilônia que passaram a residir na Frígia, Lídia e Colossos. Esses povos, trouxeram então um sincretismo religioso.¹¹

A religião dos frígios era adoração a Cibele „deusa-mãe do mundo“ da fertilidade e das estações. Seus devotos praticavam em seus cultos um rito da natureza ligados com costumes da fertilidade que levava a alegria e êxtase excessivos, alegria extravagante acompanhada de mutilações.¹²

Absorviam também qualquer inovação religiosa outros povos que adentravam traziam seus costumes e práticas religiosa, como Íris e Osirs (deus egípcios),

Dionísio(grego), Apolo(grego), Eleusiniano(grego), Mitra(indo-iraniana), Astarte(fenícia).

Havia um sincretismo religioso que estava ameaçando a fé dos cristãos neófitos, recém-convertidos ao evangelho.

O propósito de Paulo é fundamentar a fé destes cristãos sob a perspectiva da soberania de Cristo nenhum desses deuses por mais proeminente que fosse em sua relação com estes povos o poder de Cristo estaria acima desses poderes Cristo co-existe com o Pai eternamente.

O apóstolo Paulo escreveu colossenses depois que foi informado sobre a situação espiritual daquela Igreja através de aos Epafras, um colossense fundador e dirigente desta igreja, numa época em que falsos mestres tentavam combinar elementos do

¹¹ http://www.saopauloapostolo.net/cartas_paulo/colossenses.pdf

¹²

paganismo e da filosofia secular com as doutrinas cristãs, induzindo a um relativismo religioso.¹³

A história por trás do texto, essa discursão faz-se necessária para que se não incorra em erros de interpretação.

Aqui está a proposta dessa pesquisa em que ao traduzir-se um texto da bíblia para as pessoas icônicas não fosse subestimada a capacidade cognitiva deste e também não fosse simplificada a tradução ou interpretação bíblica.

A tal ponto, de comprometer pressuposto bíblicos como por exemplo, o pano de fundo histórico, cultural e teológico do texto, pensando-se apenas em facilitar a vida do icônico ou a vida de quem está interpretando a mensagem ou o texto bíblico.

Nesta citação a seguir há uma descrição minuciosa sobre a relevância desta carta para a igreja de Colossos.

Epafras informou Paulo sobre a situação dos cristãos em Colossos (Cl 1,8). Os cristãos estavam ameaçados por uma heresia que misturava elementos pagãos, judaicos e cristãos. Os seus seguidores davam muita importância aos poderes angélicos, às forças cósmicas e a outros seres intermediários entre Deus e o homem, que teriam papel importante no destino de cada pessoa. Essas ideias traziam, como consequência, a busca de um conhecimento do mundo fascinante e misterioso que dominava os homens. Ao lado disso, depositava-se confiança numa série de observâncias religiosas que garantiriam a benevolência desses poderes superiores: observância de festas anuais, mensais e sábados, leis alimentares (2,16.21) e ascéticas (2,23), culto aos anjos (2, 18) e às forças cósmicas (2,8) etc. Tudo isso comprometia seriamente a pureza da fé cristã, Paulo, na prisão de Roma, tinha um companheiro chamado Epafras, (Fm 23). Quando este homem se converteu não o sabemos - provavelmente durante os 3 anos de ministério de Paulo em Éfeso.

Reconhecido que, Paulo não organizara a Igreja m Colossos, (veja 1:4, 7, 8 e 2:1) admite-se que Epafras o fizera. (1:7, 4:12)¹⁴

Foi, por Epafras, que Paulo coube de que a heresia invadira Colossos. Que fosse, precisamente, a sua natureza é assunto que dá margem à discussão.

¹³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Ep%C3%ADstola_aos_Colossenses

¹⁴ <http://www.bibliaonline.net/esboco/colecao.cgi?51>

Porém, a julgar pelo conteúdo da epístola, conclui-se que não passava de uma mistura curiosa aliás, de Judaísmo, Ascetismo, com a adoração dos anjos, etc. A forma dessa heresia foi classificada assim: "A carne é essencialmente má, Deus é essencialmente santo; entre o essencialmente santo é o essencialmente mau, não pode haver comunhão. É impossível, afirma a heresia, para o essencialmente santo chegar-se ao essencialmente mau. Há um abismo intransponível, entre os dois que impede a intimidade entre ambos. A heresia, nesse caso, inventou um meio para transpor esse abismo, e pelo qual o Deus, essencialmente santo, pudesse ter comunhão com o estado essencialmente mau em que habitava a humanidade. Que fez, então, a heresia? Afirmara que, do essencialmente santo, Deus emanava um ente um pouco menos santo, deste, emanava um terceiro menos santo, e do terceiro, o quarto; e assim por diante, diluindo-se, gradativamente, a santidade e a divindade cada vez mais empobrecida, até que um apareceu, (Jesus), tão vazio de divindade, de santidade, e tão parecido com o homem que poderia chegar-se ao homem".¹⁵(Jowett)

Essa heresia ensinada na igreja de Colossos ameaçava a fé de alguns, no caso conforme o contexto histórico da época, os neófitos que eram advindos desse sincretismo religioso e ainda, não possuíam uma fé alicerçada nas Escrituras.

O que eles ensinavam colocava em cheque a suprema soberania de Cristo diminuindo sua pessoa como mais um mediador entre outros. Despindo-o de sua divindade.

Propositadamente Paulo menciona esse hino porque, poeticamente ele ressalta, e enfatiza e enaltece a natureza divina corroborando que Cristo é o Deus criador de todas as coisas quer visíveis ou invisíveis quer soberanias, principados ou potestades do ar Ele subsiste eternamente e é por Ele que todas as coisas foram criados. Lembremos deste hino à supremacia de Cristo, o qual destaca que tudo subsiste nele como veremos a seguir (Cl 1.15-20):

*Ele é a imagem do Deus invisível,
O primogênito de toda a criação,
Pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra,
As visíveis e as invisíveis,
Sejam tronos ou soberanias,
Poderes ou autoridades;
Todas as coisas foram criadas por ele e para ele.
Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste.
Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja;*

¹⁵ Jowett

*É o princípio e o primogênito dentre os mortos, Para
que em tudo tenha a supremacia.
Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude,
E por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas,
Tanto as que estão na terra
Quanto as que estão nos céus,
Estabelecendo a paz
Pelo sangue derramado na cruz.¹⁶*

A teologia da carta aos Colossenses começa a fazer sentido a partir de seu pano de fundo histórico cultural. O povo advindo de uma mistura de paganismo, helenismo e judaísmo misturado com a cultura das religiões por onde foram deportados. O sincretismo religioso querendo enfraquecer os alicerces da fé dos cristãos obriga Paulo a exortar e incentivar os colossenses a se desviar dessas crenças e se posicionar pela defesa da fé em Cristo.

4.4.2. A teologia de Colossenses

Após descortinar o cenário histórico de Colossenses, deve-se aqui elucidar o panorama teológico geral da carta. Pode-se afirmar que a situação negativa dos cristãos de colossos favorece positivamente as convicções cristãs destes e os coloca em uma posição privilegiada de defensores de uma fé professada na pessoa de Cristo. A palavra Cristo em Colossenses tem uma denotação de cunho doutrinário.

4.4.2.1. Indicação da perícopes

Colossenses, Capítulos: 2.20-23; 3.1-4

20. Se em Cristo estais mortos aos princípios deste mundo, por que ainda vos deixais impor proibições, como se vivésseis no mundo? 21. Não pegues! Não proves! Não toques! 22. proibições estas que se tornam perniciosas pelo uso que delas se faz, e que não passam de normas e doutrinas humanas. 23. Elas podem, sem dúvida, dar a impressão de sabedoria, enquanto exibem culto voluntário, de humildade e austeridade corporal. Mas não têm nenhum valor real, e só servem para satisfazer a carne. 1. Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. 2. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra. 3. Porque estais mortos

¹⁶ <http://www.prazerdapalavra.com.br/mensagens/guias-de-leitura/1892-introducao-as-cartas-de-colossenses-e-tessalonicenses-1-e-2.html>

*e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. 4. Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com ele na glória.*¹⁷

4.4.2.2. Indicação da forma literária

Existem 21 cartas no Novo Testamento, que apresentam pelo menos três estilos diferentes.

São eles: a carta pessoal, a epístola e o mandato. Na antiguidade uma carta pessoal tinha menos de uma página escrita do Novo Testamento Grego. Exemplo:

Atos 23.26-30.

Enquanto que no Novo Testamento as cartas menores ultrapassam isso. Exemplo: II e III João, Filemon que são uma carta pessoal, porém atinge aproximadamente duas páginas no documento grego.

As demais cartas do Novo Testamento são maiores. A epístola é uma forma literária peculiar usada na antiguidade a exemplo de Sêneca e Cícero. As epístolas são tratadas em forma de carta. Exemplo: Hebreus ou I João.

Os mandatos são escritos oficiais com a intenção de esclarecer questões éticas e teológicas; eram usados pelas autoridades religiosas da diáspora, nas sinagogas, como orientações normativas.

As epístolas são cartas pessoais abertas.

Forma discursiva utilizada pelo apóstolo é a parênese. O texto parenético (a admoestação e pregação). Trata-se de uma exposição didática, um diálogo, testemunho profético, instrução ética e hino.

É possível imaginar que para Paulo esses escritos fossem usados como modelo quando ele elaborou os seus escritos às igrejas dos cristãos-gentios. W. G. Kümmel crê que esses escritos estavam a caminho de se tornarem textos de caráter oficial.

Visto que, as cartas de Paulo são semelhantes aos escritos das autoridades de Jerusalém na sua extensão, nos dados sobre os remetentes (título nos dados sobre remetentes e lista de vários remetentes).

E no grande número de destinatários, é provável que as cartas de Paulo são cartas apostolares abertas. Isso é mais evidente em algumas cartas, como por exemplo em Gálatas, ou menos em outras, como na carta a Filemon, que é mais pessoal.¹⁸

4.4.2.3. Apresentação do lugar social

¹⁷ Colossense 2.20- 3.4 <http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-avemaria/colossenses/3/#ixzz2k6CcycVP>. Acessado em 17/12/2013.

¹⁸ <http://bibliotecabiblica.blogspot.com.br/2009/08/estilo-literario-cartas-novo-testamento.html>. Acessado em 17/12/2013.

A cidade

Havia três províncias na Ásia Menor. Laodicéia, Herápolis e Colossos que situava-se na entrada, entre Éfeso e Eufrates. Era uma região vulcânica onde ocorriam vários terremotos. Estes favoreceram o declínio socioeconômico da cidade.

É nesse contexto, que Herápolis prospera atraindo assim, o comércio. De plantas medicinais devido suas suntuosas fontes medicinais. Enquanto, Laodicéia era nessa época a igreja mais antiga e menos fiel do Apocalipse. Os habitantes de Colossos eram indígenas frígios, gregos e judeus. Esses três grupos geram um pluralismo e sincretismo religioso. Todo esse contexto reduz o cristianismo a uma mera religião. A partir dessa concepção pluralista Paulo exalta Cristo como o centro da revelação divina.

4.4.2.4. História do texto

O pano de fundo de Colossenses foi um movimento sincretista ao combinar judaísmo, mitologia e filosofias pagãs. Colossenses 2.16(ritualismo); 2.21 (ascetismo); 3.8(antinomianismo); 2.18(culto de anjos); 1.16;2.10-15(espíritos demoníacos); 1.16; 2.10.15(intelectualismo); 1.28; 2.8(astrologia); 2.8.20 (inadequação de Cristo) 1.15-19,22;2.2-9.

Pontos básicos da religião judaica:

- ordenança da lei;
- circuncisão;
- leis dietéticas;
- sábados;
- festividades, etc.

Estes rituais sofreram uma fusão sincretista com o mito e a filosofia pagã um gnosticismo incipiente desenvolvido meio dos povos frígios, em meados do segundo século.

O que essas Heresias iriam provocar na igreja de Colossos? Na análise do apóstolo Paulo ficou perceptível os danos que esses erros doutrinários iriam provocar nos crentes como veremos na citação a seguir:

Estava forçando o ascetismo insano nos cristãos, o qual era uma mistura das práticas legalistas judaicas 2.8-23. O principal desvio tinha a ver com a cristologia, e Paulo ao escrever contra-atacando o erro, ergue – se a novas alturas nesta doutrina.

A ideia básica deste ensino falso é que Deus está bem afastado do universo físico. Este é totalmente espírito e não pode entrar em contato com o domínio material que é basicamente mau.

Se Deus estava interessado nas almas dos homens, ele teria que vir através de uma série de intermediários (demônios ou anjos)1:16; 20.10; 15,18 para instruir a “alma” em como obter favor dos intermediários, a fim de libertar – se do ciclo de reencarnações.

Cristo ao vir de Deus ao homem entregou a cada uma dessas potestades alguma parte de sua autoridade, quando passou através da principalidade deles.

Quando ele chegou finalmente a terra, foi sem poder e autoridade sua própria morte provou sua inferioridade, em relação aos demônios e anjos, uma vez que eles o fizeram sofrer. Então, essa forma de pensamento deu alusão a origem de algumas dessas filosofias dentre elas temos:

Docetismo, gnosticismo afirmam que Jesus parecia ter forma física, mas ele era espírito ou fantasma.

Cerintianismo – doutrina derivada e cerinto, gnosticismo que afirmava que

Cristo veio como um espírito sobre o Jesus humano no seu batismo e partiu antes de sua morte. Jesus não foi mais que um mortal comum. Em sua teologia Paulo desenvolve o papel cósmico e conciliador de Jesus Cristo (1.15 – 20).

4.4.2.5. Estudo lexográfico na perícopa de Colossenses 2.20-23 e 3.1-4

Colossenses 2. 20-23		
Versículo 20		
PALAVRA	ANÁLISE	TRADUÇÃO
<u>Εἰ</u>	Conjunção de subordinação.	Se, visto que, desde.
<u>ἀπεθάνετε</u>	Verbo indicativo aoristo, ativo, 2ª pess. do Plural.	Morrer, morte física, morrestes.
<u>σὺν</u>	Preposição, dativo.	Com.
<u>Χριστῷ</u>	Subst. Dativo, masculino, singular.	Cristo (ungido)
<u>ἀπὸ</u>	Preposição, genitivo.	De, a partir de, para fora de, por.
<u>τῶν</u>	Artigo definido, genitivo, neutro plural.	Os.
<u>στοιχείων</u>	Substantivo genitivo, neutro plural.	Elementos, princípios fundamentais.
<u>τοῦ</u>	Artigo definido, genitivo, masc. Singular.	Do.
<u>κοσμοῦ,</u>	Subst. Genitivo, masculino singular.	Mundo (em vários sentidos).

<u>τί</u>	Adjetivo pronominal, interrogativo, acusativo neutro; ou Adjetivo advérbio interrogativo.	Por que? Quem? Qual?
<u>ὥς</u>	Conjunção subordinativa	Como, como alguém que, porque.
<u>ζῶντες</u>	Verbo particípio presente, ativo, nominativo masc. 2ª pess. plural.	Sujeitais, submeter-se.

<u>ἐν</u>	Preposição dativa.	Em, no, na, dentro de.
<u>κοσμῶ</u>	Substantivo dativo, masculino singular.	Mundo, cosmos.
<u>δογματίζεσθε;</u>	Verbo indicativo presente, passiva, 2ª pess. plural.	Submeter-se a regras e regulamentos.

Versículo 21

<u>μή</u>	Adjetivo advérbio.	Não, a menos que, nunca.
<u>ἄψη</u>	Verbo subjuntivo aoristo média, 2ª pess. plural. Ou Verbo imperativo aoristo média, 2ª pess. plural.	Pegueis, toqueis.
<u>μηδὲ</u>	Conjunção coordenativa.	E não, mas não, nem mesmo.
<u>γεύση</u>	Verbo subjuntivo aoristo, média depoente, 2ª pess. singular. Ou Verbo imperativo aoristo, média depoente, 2ª pess. singular.	Provar, experimentar, desfrutar.
<u>μηδὲ</u>	Conjunção coordenativa.	E não, mas não, nem mesmo.
<u>θίγης.</u>	Verbo subjuntivo aoristo ativo, 2ª pess. singular. Ou Verbo imperativo aoristo ativo, 2ª pess. singular.	Tocar, toques.

Versículo 22

<u>ᾧ</u>	Adjetivo pronominal relativo, nominativo neutro plural.	Isto, pois que.
<u>ἔστιν</u>	Verbo indicativo presente ativo, 3ª pess. singular.	Há, está, acontecer.
<u>πάντα</u>	Adjetivo nominativo neutro plural.	Todos, tudo.
<u>εἰς</u>	Preposição acusativa.	Em, até que, para.
<u>φθορὰν</u>	Substantivo acusativo, feminino singular.	Ruína, desolação, corrupção.
<u>τῇ</u>	Artigo definido dativo, feminino singular.	A, (ao)

<u>ἀποχρήσει</u>	Substantivo dativo, feminino singular.	Consumir, usar, manusear.
<u>κατὰ</u>	Preposição acusativa.	Como, da mesma forma, conforme.
<u>τὰ</u>	Artigo definido acusativo, neutro plural.	O, ao, por.
<u>ἐντάλματα</u>	Substantivo acusativo neutro plural.	Mandamento, preceito.
<u>καὶ</u>	Conjunção de coordenação.	E, mas, também, tanto, como.
<u>διδασκαλίας</u>	Substantivo acusativo, feminino plural.	Ensinos, instruções, doutrinas.
<u>τῶν</u>	Artigo definido genitivo, masc. plural.	Dos
<u>ἀνθρώπων,</u>	Substantivo genitivo, masc. plural.	Homens, ser humano, pessoas.
Versículo 23		
<u>ἅτινα</u>	Adjetivo pronominal relativo, nominativo, neutro plural.	Tais coisas.

<u>ἔστιν</u>	Verbo indicativo presente, ativo, 3ª pess. singular.	Tem, existe, há.
<u>λόγον</u>	Substantivo acusativo, masc. singular.	Razão, conhecimento, palavra.
<u>μὲν</u>	Partícula de sentença.	Certamente, mas, de um lado, de outro.
<u>ἔχοντα</u>	Verbo particípio presente ativo, nominativo neutro plural.	Ter, manter, preservar, causar, fazer.
<u>σοφίας</u>	Substantivo genitivo feminino singular.	Sabedoria, ciência, saber.
<u>ἐν</u>	Preposição dativa.	Em, por pela.
<u>ἑθελοθησκία</u>	Substantivo dativo, feminino singular.	Religião, religiosidade.
<u>καὶ</u>	Conjunção de coordenação.	E, mas, também.
<u>ταπεινοφροσύνη</u>	Substantivo dativo, feminino singular.	Humildade, modéstia.

<u>[καὶ]</u>	Conjunção de coordenação.	E, mas, também.
<u>ἀφειδία</u>	Subst. dativo, feminino singular.	Severa, dureza.
<u>σώματος,</u>	Substantivo genitivo, neutro singular.	(do) Corpo, cadáver.
<u>οὐκ</u>	Adjetivo advérbio.	Mais não, nem mais
<u>ἐν</u>	Preposição dativa.	Em, por, pela, no, na.
<u>τιμῇ</u>	Substantivo dativo, feminino singular.	Honra, valor, preço.
<u>τινι</u>	Adjetivo indefinido, dativo, feminino singular.	Qualquer, qualquer coisa, sem importância.
<u>πρὸς</u>	Preposição acusativa.	Para, com, a favor de, a fim de que.

<u>πλησμονήν</u>	Substantivo acusativo, feminino singular.	Gratificação, indulgência.
<u>τῆς</u>	Artigo definido, genitivo, feminino singular.	Da (de + a).
<u>σαρκός.</u>	Substantivo genitivo, feminino singular.	Carne, natureza humana, corpo.
Colossenses 3.1		
<u>Εἰ</u>	Conjunção de subordinação.	Se, visto que, desde.
<u>οὖν</u>	Conjunção de superordinação.	Portanto, consequentemente, então, assim.
<u>συνηγέροθητε</u>	Verbo indicativo aoristo, passiva, 2ª pessoa do plural.	Fazer alguém levantar com outro.
<u>τῷ</u>	Artigo definido dativo, masc. singular.	O, com o.
<u>Χριστῷ,</u>	Subst. Dativo, masculino singular.	Cristo, ungido.
<u>τὰ</u>	Artigo definido acusativo, neutro plural.	O, ao, por.

<u>ἄνω</u>	Adjetivo adverbial; Adjetivo pronominal e adjetivo nominativo plural.	Do alto, de cima, acima.
<u>ζητεῖτε,</u>	Verbo imperativo presente ativo, 2ª pessoa do plural.	Procurai, buscai.
<u>οὗ</u>	Adjetivo adverbio relativo.	Onde, aonde.
<u>ὁ</u>	Artigo definido nominativo masculino singular.	O (o).
<u>Χριστός</u>	Substantivo nominativo masculino singular.	Cristo, ungido.

<u>ἔστιν</u>	Verbo indicativo presente ativo, 3ª pessoa do singular.	Tem, existe, há.
<u>ἐν</u>	Preposição dativa.	Em, por, pela.
<u>δεξιᾶ</u>	Adjetivo pronominal, dativo, feminino singular.	Direita, ao lado direito.
<u>τοῦ</u>	Artigo definido genitivo, masculino singular.	O, do.
<u>θεοῦ</u>	Substantivo genitivo masculino singular.	Deus.
<u>καθήμενος·</u>	Verbo participio presente média ou passiva deponente, nominativo masculino singular.	Estar assentado, estar entronizado; sentar-se.
Colossenses 3.2		
<u>τὰ</u>	Artigo definido acusativo, neutro plural.	O, ao, por.
<u>ἄνω</u>	Adjetivo adverbial; Adjetivo pronominal e adjetivo nominativo plural.	Do alto, de cima, acima.
<u>φρονεῖτε,</u>	Verbo imperativo presente ativo, 2ª pessoa plural.	Pensai, formai uma opinião.
<u>μὴ</u>	Adjetivo advérbio.	Não, a menos que, nunca.
<u>τὰ</u>	Artigo definido acusativo, neutro plural.	O, ao, por.
<u>ἐπὶ</u>	Preposição genitiva.	Sobre,em;perto de,ao lado de
<u>τῆς</u>	Artigo definido genitivo, feminino singular.	A, da.
<u>γῆς.</u>	Substantivo genitivo feminino singular.	Solo, terra, chão.

Colossenses 3.3		
<u>ἀπεθάνετε</u>	Verbo indicativo aoristo ativo, 2ª pessoa plural.	Morrer, enfrentar a morte.
<u>γὰρ</u>	Conjunção subordinativa.	Pois, e por isso.
<u>καὶ</u>	Conjunção coordenativa.	E, mas, também.
<u>ἡ</u>	Artigo definido nominativo, feminino singular.	A.
<u>ζωῆ</u>	Substantivo nominativo, feminino singular.	Vida.
<u>ὑμῶν</u>	Substantivo pronome genitivo, 2ª pessoa plural.	Vossa, da vossa.
<u>κέκρυπται</u>	Verbo indicativo perfeito passivo, 3ª pessoa singular.	Está escondida, está oculta.
<u>σὺν</u>	Preposição dativa.	Com.
<u>τῷ</u>	Artigo definido dativo, masculino singular.	O, com o.
<u>Χριστῷ</u>	Substantivo dativo, masculino singular.	Cristo, ungido.
<u>ἐν</u>	Preposição dativa.	Em, por, pela.
<u>τῷ</u>	Artigo definido dativo, masculino singular.	O, com o.
<u>θεῷ.</u>	Substantivo dativo, masculino singular.	Deus.
Colossenses 3.4		
<u>ὅταν</u>	Conjunção de subordinação	Quando.

<u>ὁ</u>	Artigo definido, nominativo, masc. sing.	(o)
<u>Χριστὸς</u>	Substantivo nominativo, masc. singular.	Cristo, ungido.
<u>φανερωθῆι</u>	Verbo subjuntivo aoristo, passiva, 3ª pess. singular.	For revelado, mostrar-se, fazer conhecido.
<u>ἡ</u>	Artigo definido, nominativo, feminino singular.	(a)
<u>ζωῆ</u>	Substantivo nominativo, feminino singular.	Vida.
<u>ἡμῶν</u>	Substantivo pronome, genitivo, 2ª pess. plural.	(da) vós, vossa.
<u>τότε</u>	Adjetivo advérbio.	Então, portanto.
<u>καὶ</u>	Adjetivo advérbio.	Também, semelhante, a ponto de.
<u>ὑμεῖς</u>	Substantivo pronome, nominativo, 2ª pess. plural.	Vós, vosso.
<u>σὺν</u>	Preposição dativa.	Com, além de.
<u>αὐτῷ</u>	Substantivo pronome dativo, masc. 3ª pess. singular.	Mesmo, próprio,
<u>φανερωθήσεσθε</u>	Verbo indicativo futuro, passiva, 2ª pess. plural.	Ser revelado, ser mostrado, fazer-se conhecido.
<u>ἐν</u>	Preposição dativa.	Em, na, na presença de, dentro de.
<u>δόξῃ</u>	Substantivo dativo, feminino singular.	Brilho, radiância, esplendor, glória.

4.4.3- Proposta de mensagem de Colossenses 2.20 -23; 3.1-4.

Se morrestes com Cristo pros princípios fundamentais do mundo, como vos sujeitai as ordenanças mundanas? Não pegueis, não toqueis. Nem mesmo podeis provar tocar, experimentar, desfrutar. Pois o que acontece com esses costumes? É para produzir ruína, desolação e corrupção, pois, são preceitos, ensinamentos. Instruções e doutrinas de homens.

Tais coisas produzem conhecimento humano, razão humana, palavra humana. Certamente causa sabedoria, ciência e um saber de si mesmo. Pela religiosidade que produz humildade e modéstia humana. E também, severa subjugando o corpo a sacrifícios e mutilações.

Mas não produz honra, nem valor nem tem preço. O preço é qualquer coisa, como por exemplo, qualquer gratificação ou indulgências da carne ou dos prazeres do corpo.

Assim, Cristo ressuscitou logo, nós também com ele. Devemos conseqüentemente, buscar a sabedoria de cima que subsiste com Cristo que está assentado à direita de Deus. Formai uma opinião não humana ou da terra, mas de acordo com os pensamentos de Deus.

Ao enfrentar a morte, diariamente no combate com Cristo, a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo que é a vossa vida se manifestar sereis manifesto juntamente com ele em glória esplendor.¹⁹

4.4.4. Glossário

CRISTO - termo usado em Português para traduzir a palavra grega khristós que significa “ungido”. Em hebraico é masiah no Português Messias.

PRINCÍPIOS - termo que designa os fundamentos e até mesmo as características que define o caráter de uma pessoa. Convicções, preceitos seguidos por alguém.

DESOLAÇÃO – extrema tristeza, aflição, consternação.

CORRUPÇÃO – ato ou efeito de corromper-se. Oferecer algo para obter vantagem em negociata onde favorece uma pessoa e prejudica outra. Tirar vantagem do poder atribuído. O verbo corromper significa “tornar-se podre”.

PRECEITOS – (do latim praeceptum) é concebido como um comando ou proibição de realizar uma determinada ação ou omissão. A norma contém uma forma abstrata, ou seja, a descrição do fazer ou não fazer, e torna um comando em reação `conduta omissiva ou ofensa a conduta esperada.

¹⁹ Tradução própria.

DOUTRINAS – conjunto de princípios que serve de base a um sistema, religioso, político, filosófico, militar, pedagógicos entre outros.

INDULGÊNCIAS – ato de absolver um castigo, uma pena, uma ofensa etc, clemência, tolerância ou perdão. Catolicismo. Remissão dos castigos e/ ou pecados cometidos, cuja culpa já tenha sido perdoada pela igreja, misericórdia.

V. CONCLUSÃO:

A oralização foi utilizada durante décadas na história do icônico, obrigando-o a falar e ouvir sem respeitar sua peculiaridade como cidadão.

De acordo com a concepção socioantropológica a iconicidade é compreendida como experiência visual.

²⁰ “A Língua de Sinais passa a ser a expressão do pensamento do icônico”, pois, é através da linguagem que significamos o mundo e conseqüentemente nos significamos”(Zilda Gesueti).

O icônico viveu uma trajetória de isolamento em virtude da proibição da língua de sinais no congresso de Milão em 1880. Os professores não icônicos proíbem a língua de sinais e excluem os professores icônicos.

Essa filosofia oralista ganhou força com a pretensão de “reabilitar” o icônico para ter uma vida normal.

Nessa concepção oralista os iconicos foram submetidos a castigos pesados se utilizassem a língua de sinais. ²¹ Depois do fracasso do oralismo alguns profissionais propuseram a abordagem bilíngüe. O bilinguismo sugere que o iconico conheça a língua materna e a língua oficial do seu país.

A Língua de Sinais proporciona o desenvolvimento cognitivo, afetivo, sócio cultural e acadêmico do iconico. “Uma pessoa com uma incapacidade representa um tipo qualitativamente diferente e único de desenvolvimento” (Vygotsk).

A Língua de Sinais é o instrumento cultural afirmativo para o icônico e está voltada para suas funções visuais que lhe permite desenvolver-se plenamente, pois respeita as sua diferença e sua singularidade.

A concepção de iconicidade hoje é formada não a partir do “menos”. mas a partir do “mais” isto é, não da perda mas do ganho. Os icônico enquanto grupos organizados culturalmente se diferem como “deficientes auditivos”, ou seja, o mais importante não é falta/deficiência da audição, mas sua cultura e língua.²²

Estamos atravessando um momento de redefinição deste conceito, historicamente sabe-se que a tradição medico-terapêutica influenciou a definição da iconicidade a partir do déficit auditivo e de sua classificação em: leve, profunda, congênita, prelinguística etc...

Todavia deixou de considerar os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa icônica se desenvolve, que hoje na literatura chama-se estudos icônicos.

A concepção patológica terapêutica começa a se dissipar com a legitimação da Língua de Sinais conforme lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

De acordo com várias pesquisas a língua de sinais possui os mesmos princípios linguísticos que as demais línguas orais, porque apresenta um léxico e uma gramática.

A língua de sinais expressa ideias sutis, complexas, abstratas, pensamentos, poesias e humor. O usuário desta língua pode discutir filosofia, literatura, política, esporte, trabalho etc. Segundo os neurolinguistas o lado esquerdo do cérebro é responsável pela fala e o direito pela imagem.

A concepção Bíblica que aparece no exemplo de Jesus quando retira o icônico o pondo a parte da multidão (Mc 7.37), mostra claramente que é um público específico e precisa de um tratamento diferenciado dos demais, isto é, os não icônicos que apresentam uma abordagem oralista e escrita do Português no texto bíblico.

A partir desta concepção surge a necessidade de aproximar o leitor icônico de uma abordagem bíblica diversificada ou uma abordagem icônica. O que deve culminar em um texto bíblico trazendo em seu bojo literário uma interpretação adaptada para essa realidade viso-espacial-motora.

²⁰ Skliar, 1999

²¹ Perlin, 2002

²² Wrigley, 1996 p. 12

BIBLIOGRAFIA

1. QUADROS, Ronice Muller. Língua Brasileira de Sinai I.UFSC/Letras – Liibras.
2. MENOSSI, Leonilda Aparecida de Campos. Estudos Históricos dos Surdos.
3. www.bibliacatolica.com.br/conhecendo-a-biblia-sagrada
4. pt.wikipedia.org/wiki/hermenêutica.
5. www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educa%C3%A7%C3%A3o/Addrss/maria%20salomé%20%20soares%20dallan.
6. [Pead.faced.ufrgs.br/sites/public/eixo7/libras/unidade1](http://pead.faced.ufrgs.br/sites/public/eixo7/libras/unidade1).
7. STROBEL, Karin Lilian.Surdos:Vestígios Culturais não registrados na História. Florianopolis 2008. Tese de Doutorado em Educação,
8. [www.editora – arara azul.com.br//revista/o3/perfil/php](http://www.editora-araraazul.com.br//revista/o3/perfil/php)
9. Borges, Jorge Luiz. Cronologia e História da Surdez e da Língua Gestual no Mundo.
10. www.porsinal.pt/index.php?ps=historia
11. www.libras.ufsc.br/coleçãoLetrasLibras/eixoFormaçãoespecífica/historiadaeducaçãosurdos/assets/258/textobase_historiaeducaçãosurdospdf.
12. <http://gupress.gallaudet.edu/stokoe.html>.
13. <http://www.ines.org.br/libras/index.htm>.
14. [http://www.slideshare.net/faculdade/alfabetizaçã](http://www.slideshare.net/faculdade/alfabetiza%C3%A7%C3%A3o)o.
15. www.fatecc.com.br/alunods/apostilas/libras/.../
16. GLADES, Perlin Identidades Surdas.
17. SKILIAR, Carlos. Um Olhar Sobre as Diferenças. Porto Alegre. Mediação,1998.
18. SÁ, Nídia Regina Limeira. Educação de Surdos: A Caminho do Bilinguismo. Niteroi: eduff, 1999.
19. HALE, Davi Broadus. Introdução ao Estudo do Novo Testamento.Juerp, 1983.
20. SOUZA, Danielle Vanessa Costa. Um Olhar Sobre os Aspectos Linguísticos da Língua de Sinais.

21. www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/litera/article/viewfile/29927
22. QUADROS, R. M. de e KARNOPP, L. S. B. ..Estudos Linguísticos. Art Med. Porto Alegre. 2004.
Cap.2.
23. Relato de uma Vivencia Política – Pedagogia na Escola Técnica Federal de Santa Catarina, 2001.
24. Movimento Surdo no Cenário Contemporâneo